

# O Ser e o Nada e a libertação metafísica: primeira tarefa da filosofia da liberdade

Being and Nothingness and metaphysical liberation:  
first task of the philosophy of freedom

Luciano Donizetti da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-0584-7377> – E-mail: donizetti.silva@hotmail.com

## RESUMO

A filosofia de Sartre é filosofia da liberdade. Isso se confirma por sua obra, seja em textos literários ou teatrais, em intervenções políticas e até mesmo em relatos de viagens; mas é nas obras técnicas que essa preocupação é ainda mais evidente: para ele a filosofia deve cumprir três tarefas, das quais a primeira – e mais importante – é a *libertação metafísica* de homens e mulheres. *O Ser e o Nada* cumpre justamente essa tarefa, pois é contra Kant e distanciando-se de Husserl e Heidegger que, primeiro, a liberdade se revela como verdade fenomenológica: eu a *sou*; segundo, contra todo determinismo, seja de exterioridade, como a situação ou História (condição, classe etc.), ou de interioridade, como Ego (Eu transcendental, caráter etc.), Sartre mostra que a liberdade, além de fundamento da História, também está no princípio de toda *aventura individual* (história de vida, Psiquê), sendo – ambas – expressões de mesma gênese: a singularidade da liberdade em seu processo autossustentável de ser-no-mundo, fonte única daquilo que é o homem e mulher, e, por consequência, de tudo que pode *vir ao Ser*. A ontologia fenomenológica é obra basilar da filosofia da liberdade.

**Palavras-chave:** *O Ser e o Nada*. Libertação. Metafísica. Sartre.

## ABSTRACT

The philosophy developed by Sartre is the philosophy of freedom. This is confirmed by his work, whether in literary or theatrical texts, in political interventions and even in travel reports; but it is in technical works that this concern is even more evident: Sartre sustains that his philosophy must fulfill three tasks, of which the first – and most important – is the metaphysical

liberation of men and women. *Being and Nothingness* fulfills precisely this task; it is against Kant and distancing itself from Husserl and Heidegger that, first, freedom reveals itself as phenomenological truth: *I am freedom*; second, against all determinism, whether of externality, such as History (situation, class, etc.), or of interiority, such as Ego (transcendental Self, character, etc.), Sartre shows that freedom is also the foundation of History and the beginning of every individual adventure (life story, Psyche), both expressions of the same genesis: the singularity of freedom, self-sustaining process of being-in-the-world, is the only source of what man is and, consequently, of everything that can come to Being. Phenomenological ontology is the foundational work of the philosophy of freedom.

**Keywords:** Being and Nothingness. Liberation. Metaphysics. Sartre.

## Homenagem à EN

*Vós deveríeis aprender primeiro a arte do consolo deste lado de cá [...] mandeis um dia ao diabo toda a "consoladora" metafísica – e a metafísica em primeiro lugar!*

(NIETZSCHE, 1992, p. 23)

A filosofia de Sartre é filosofia da liberdade. Essa chave de leitura permite englobar toda a obra do filósofo que, além de textos técnicos de filosofia, é adornada com literatura e teatro respeitáveis, dignos do Nobel de Literatura em 1964, além de confirmada em exercícios de psicanálise existencial (*biografias*) e levada à prova num sem-número de intervenções políticas nas questões de sua época; e, vale lembrar, Sartre também foi *libertário* em sua vida pessoal. Então, não cabe buscar nessa filosofia alguma noção de *sistema* filosófico ou, ainda menos, a indicação de qualquer Totalidade a ser realizada: não. Tudo deve nascer da liberdade, e é em vista de *realizá-la* na História que a filosofia de Sartre pode ser mais bem compreendida. Ou melhor, porque se trata de uma filosofia que utiliza de *métodos inovadores* para revisitar temas *clássicos*, é verdade que Sartre não despreza o *cogito* (certeza de que sou), razão pela qual sua filosofia *parte da consciência* (intencionalidade) mas, cumpre lembrar, sob condição expressa de *aí não permanecer*:

Sartre não é racionalista, e, apesar de revisitar um tema moderno, coloca-se longe de Descartes e suas certezas racionais, pois “Não é em não sei qual retiro que nós nos descobriremos: é na estrada, nas cidades, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens” (SARTRE, 2005, p. 107); a consciência é intencional e, portanto, *mundana*, devotada ao Ser e ao Outro, movimento negativo que é perpétuo enquanto existe, e que coincide com seu *nada* de ser, embora sendo. A consciência intencional é o núcleo ontológico de Ser-Para-si; e, além de partir da herança husserliana (intencionalidade), Sartre pretende alocar essa *consciência* naquilo que encontrou em Heidegger: a *Situação*, não de *algum Ser-aí*, mas dessa *consciência-situada*, *homem-e-mulher-no-mundo*. É assim que se pode entender a manutenção, pela filosofia da liberdade, da prerrogativa heideggeriana de que *a ontologia somente é possível como fenomenologia*: é com vistas à ontologia (questão fundamental) que Sartre analisa condutas humanas.

Lembrando o prefácio da *Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty, Sartre afirma que “Basta abrir os olhos e interrogar com toda ingenuidade a totalidade homem-no-mundo”

(SARTRE, 2011, p. 44) para saber o que é o homem, o que é o mundo e a relação que os une: esse é o *a priori da correlação*, e a análise de condutas humanas, quaisquer que sejam, será expressão desses modos de Ser que fundamentam *nosso mundo*. Então, assim como deve-se partir do *Cogito* com a condição de deixá-lo, deve-se *visar* a ontologia, desde que ela esteja restrita a descrever estruturas de Ser reveladas fenomenalmente, o mundo da vida, a *concretude* de ser-no-mundo, na *História*. Em resumo, o arco da produção de Sartre inicia-se com *O Ser e o Nada* em 1943, no qual Sartre revela as bases onto-fenomenológicas da doutrina da liberdade-situada; em seguida, outra obra decisiva em 1960, a *Crítica da Razão Dialética* na qual, em debate com o Marxismo, Sartre mostra que a liberdade é (e somente poderia ser) o primeiro e *último* motor da História.

A história revela, enfim, seu sentido: fenomenologicamente, ela se mostra uma luta incessante pela *libertação*, seja do homem em relação à *Natureza*, seja em relação a outros homens ou grupos de homens; Para-Si e Para-Outro, esse conflito original que marca a intersubjetividade, e se confirma em cada um dos embates históricos. E, para fechar esse arco tem-se, já em 1971, *Flaubert - o Idiota da família*, que, de certo modo, *sintetiza* com maestria esses dois momentos da filosofia da liberdade. Ao *psicanalisar* Flaubert, já de posse de sua *Psicanálise Existencial*, Sartre mostra *na história* um exemplo daquilo que, segundo a tese da liberdade, são *todo homem e toda mulher*, particular-universal de sua época, livre expressão situada de *seu tempo vivido*, e testemunha do recorte histórico *que ele mesmo projeta* e realiza conjuntamente a seus contemporâneos: "ser-Para-si [...] é apenas a individualidade única, da qual é indivisível o processo de *historialização* (*historialisation*)" (SARTRE, 2011, p. 218).

Assim, a filosofia da liberdade não é sistêmica, mas descreve uma trajetória desde o Ser (ontologia) até a História, passando pela literatura, teatro, intervenções políticas etc.; o elo, claro, são os próprios homens e mulheres, que *fazem a história*, ainda que não se reconheçam nela, e Flaubert (assim como Mallarmé, Baudelaire e Genet) é uma *prova* de que, escolhendo-se, ele escolheu o mundo, *seu mundo* naquilo que, porque vivido na particularidade, pode ser universal. Ou, dito de outro modo, sem Deus (ser impossível Em-Si-Para-Si) cabe ao homem seus atributos sem sua potência: se o Deus imaginado cria do nada, homens e mulheres criam livremente pela *negação do ser*, devendo, também livremente, assumir como *sua* a contingência que é *Dele*. Essa é a tese.

Homem ou mulher *é liberdade em situação*, o que permite reunir sob uma mesma rubrica tanto indivíduos com a *sua história*, como permite aceder o plano da *História geral*; e é dessa imbricação entre o âmbito ôntico e o ontológico, liberdade-situada, que se pode falar em ética da liberdade, e seu fugidio objeto: o *porvir*. A existência perfaz-se de um *projeto presente* que visa a *liberdade futura*; processo de libertação da liberdade, enfim. Sartre e sua filosofia mostram que ser-homem-e-mulher-no-mundo é ser liberdade-para-se-libertar; e isso pode ser generalizado, na medida em que o que se chama História humana é a *memória* que se faz *livremente* do passado (Em-Si); ou seja, a liberdade esteve presente em todos os lances que constituíram a *história dos homens* até aqui, e, também, será por ela que esses meandros do *passado* poderão ser visitados ou *esquecidos*.

Assim, hoje (*presente*), é ainda a liberdade que vige em cada mulher e homem e, é em vista do seu *projeto de ser-futuro*, que cada qual contribui na constituição daquilo que *homens e mulheres do futuro* vão chamar de História (passado). Ainda, como a liberdade é pressuposto para que a história seja, ela não tem fim, nem finalidade ou teleologia ou etc.: seu fim, necessariamente, vai coincidir com o final do *último* homem ou mulher; a história humana é para a liberdade, e fora dela, nada. Somente a liberdade pode indicar os rumos, visto ela mesma incorporar o *alfa* e o *ômega*, princípio e fim do mundo-humano; liberdade absoluta, e situada: esse é

o *reino humano* (plano fenomenológico), sendo a Totalidade uma ilusão, do mesmo modo que o impossível Ser-Em-Si-Para-Si. Ou Deus.

A filosofia da liberdade vai do homem à história, e dessa ao indivíduo: o método progressivo-regressivo mostra que a singularidade está na gênese do fenômeno histórico; e se a história é, conforme pretende a filosofia da liberdade, o processo de libertação de homens e mulheres, sendo a existência particular também expressão da mesma liberdade, parece adequado concluir que *coube a cada momento histórico* escolher aquilo que, *hoje*, é passado *para-nós*; na mesma fórmula, serão nossas escolhas atuais aquelas que, do futuro, serão o *passado* da humanidade. Um campo sempre movente, do qual nada se pode prever, e tudo deve-se esperar; é nesse ambiente, todavia, que Sartre aventa um *programa* a ser cumprido por sua filosofia da liberdade:

Nosso objetivo concreto, um objetivo muito atual, contemporâneo, é a libertação do homem em três aspectos. De início, a libertação metafísica do homem. Dar-lhe consciência de sua liberdade total, e que ele deve combater tudo aquilo que tende a limitar a liberdade. Segunda, sua libertação artística: facilitar ao homem livre a comunicação com os outros homens graças às obras de arte e, por esse meio, mergulhá-los em uma atmosfera de liberdade. Terceira: libertação política e social, libertação dos oprimidos e de outros homens (SARTRE *in* CONTAT; RYBALKA, 1970, p. 189-190).

A segunda tarefa, cumprida à risca pelo filósofo, está materializada em sua enorme e respeitável obra *artística*; a terceira delas ainda está por fazer. Mas a primeira, e mais fundamental (libertação *metafísica*), encontra-se inteira em *O Ser e o Nada*, livro que completa 80 anos, e que cabe celebrar. E há mais a ser dito: comemora-se, com essa obra, a instauração da liberdade como único e necessário ato para a *libertação metafísica* de homens e mulheres. Ou seja, a ontologia fenomenológica revela seu propósito: *levar à consciência* de que somos liberdade, mesmo que essa resposta precise ser retomada ante o Marxismo em 1960, ou ante o Estruturalismo em 1971. A *biografia comentada* (psicanálise) de Flaubert mostra que a experiência não é um *mero fato*, mas é por sua ação (escolha) que o *valor* pode se revelar no mundo. E isso liga-se à *Crítica da Razão Dialética*, que exige considerar a variável *liberdade* naquela equação dialética da História, ou em qualquer outra.

Deve-se ainda comemorar 80 anos nos quais, pela argúcia de Sartre, tem-se o mais forte argumento contra todo determinismo: eles *exigem* algum fundamento metafísico; assim, basta voltar à ontologia e mostrar, pela análise do *fenômeno de Ser* (que é *transfenomenal*) as razões desse engano. Obra basilar, que ostenta na *orelha* de sua tradução brasileira uma verdade bem-vinda, e que resume essa introdução: Sartre *nunca renega* as teses de sua ontologia. *O Ser e o Nada* é um compêndio da liberdade em situação e, pode-se dizer com algum risco, toda a obra de Sartre posterior a ele visa reafirmar essa tese; claro, isso implica que as obras que o antecedem sejam, também, a preparação da tese da liberdade. Ainda, seria preciso que toda a literatura e teatro sartrianos fossem libertários e visassem a liberdade. E não é assim?

Sartre viu na fenomenologia o potencial de *renovar todo o conhecimento*, e suas diferenças com Husserl revelam sua motivação: afirmar a liberdade *concreta*, o que exige manter a intencionalidade da consciência e rejeitar enfaticamente a redução fenomenológica. Também é assim que se explica a aproximação de Sartre da filosofia de Heidegger sem, contudo, repetir a descrição daquele Dasein impessoal, e lançar-se de vez ao *mundo dos homens*. Mas esses movimentos da filosofia sartriana são mais bem explicados caso seja trazida à baila a fundamental e renitente prisão metafísica à qual estaria submetida a própria filosofia: são as grades erigidas pela crítica de Kant, que em sua *arquitetônica da Razão Pura*, relega a questão do Ser ao plano

do juízo além de, com isso, resumir a liberdade àquilo que, em sua filosofia, cabe à *Razão Prática*, sendo a liberdade equivalente da *vontade*.

A crítica de Kant é um *divisor de águas* da filosofia, que marca um momento preciso de sua história: o tempo da *madureza* da Razão que, nessa investida, pretende-se *pura* e aposta todas suas fichas na *experiência possível*. Mas isso, mostra Sartre, se visto do ponto de vista da *fenomenologia*, demanda a afirmação de *outra* metafísica: o caráter restritivo da crítica de Kant, que relega a ontologia ao âmbito da *especulação*, funda-se metafisicamente – essa é a aposta de Sartre. E, como não cabe se opor ao kantismo no varejo, é preciso contorná-lo no atacado: o primeiro ato da libertação metafísica, visando reestabelecer a dignidade e a possibilidade da ontologia, é ter a fenomenologia como método. Noutros termos, *depois* de Kant seriam ortodoxas ou dogmáticas todas as filosofias de temas *metafísicos*; a ontologia inclusa.

Amparado na fenomenologia Sartre pretende romper os limites da vida *prática*, que confunde liberdade e vontade, fazendo ver que ser-homem-e-mulher é ser-liberdade; com o método fenomenológico o ser-livre não apenas adentra a vida cotidiana (prática), como se mostra o modo mesmo de *ser-homem-e-mulher*, Ser-Para-Si, consciência-intencional-corpórea que é suas escolhas, assim como será (e somente será) aquilo que ele ou ela *escolhe* no mundo. Supera-se, também com esse embate, todas as teses dualistas, na medida em que ser-no-mundo passa longe de qualquer possibilidade de efetiva *pureza transcendental*: homem é liberdade em situação, o que livra a filosofia tanto do *estômago idealista* que tudo dilui, como das cadeias *críticas*, que tudo tenta *esterilizar*. A *razão pura* é tão miragem do ponto de vista fenomenológico-existencial, como o é qualquer sorte de *Espírito* ou entidade transcendente.

A filosofia da liberdade se faz *humanista*, pois procura o *homem* onde ele está, *na estrada, na poeira...*; visando o *concreto absoluto*, é do *concreto total* que se deve partir. Esse é, para Sartre, o caminho fenomenológico *efetivo* (ou *verdadeiro*, porque calcado no fenômeno-*transfenomenal*): é pela análise de condutas humanas que o filósofo pretende revelar as estruturas de ser que sustentam o mundo, quais sejam, Em-Si e Para-si. Ainda, o mundo revela duas outras modalidades de ser, dedutíveis dos primeiros e que fazem de cada homem ou mulher uma singularidade: Ser-Para-Outro (intersubjetividade), e o hipostasiado Ser-Em-Si-Para-Si; o primeiro, além de mostrar-se um decisivo argumento contra o solipsismo, finca no âmbito ontológico o fundamento do *conflito* mundano (histórico), ao passo que o ser-impossível (Deus), porque habita o fundo de todo *cogito*, revela a razão pela qual homem ou mulher é *falta* de Si, que não poderá jamais ser preenchida (nem com a morte, não *somos-para-a-morte*, embora finitos).

A libertação metafísica visa não permanecer *nos livros*, mas focar na *existência* e, assim, mostrar – em duas acepções – que a liberdade é a razão *única* tanto daquilo que se pode chamar de *aventura individual* (uma existência) como da *aventura humana* como um todo (História). E isso requer, de homens e mulheres, *olharem para si-mesmos* (fenomenologia de *atos conscientes*): encontrarão *liberdade*, ou serão de *má-fé*; não há exceção. Paradoxalmente, a revelação da liberdade *passa pelo outro* (olhar) e mostra, de saída, seus *parentes* limites; cabe então a Sartre afirmar que não há interioridade, mas ser-no-mundo é, por *sua escolha livre*, *lançar-se* no mundo. Somos *condenados a escolher*: para Sartre não há um estranho em mim, que *escolhe* em meu lugar (subconsciente, inconsciente ou pré-consciente), mas serei *eu mesmo* o autor de *meu* ser.

Isso exige, de um lado, travar o bom combate contra toda *ciência da alma* naquilo que elas, *metafisicamente*, sugerem em contrário à liberdade; de outro, requer que o mundo seja um lugar *também de liberdade*: se a análise de condutas, de *dentro*, não revela qualquer determinação, cumpre mostrar que também *de fora* (o mundo) se passa o mesmo. E, de novo, Sartre mostra que o mundo humano, e apesar da contingência do Ser, é *construído* peça a peça pela *livre escolha de ser-no-mundo*. Não há Deus, é bom lembrar, donde homens e mulheres sejam os

criadores não apenas de si-mesmos, mas também do mundo no qual habitam. A liberdade está no início da jornada humana, assim como é o fundamento único de ser homem ou mulher no mundo; a liberdade é o meio, pelo qual o mundo permanece *presente* e, ainda, será também liberdade *qualquer fim* (ou finalidade) de ser-no-mundo.

As consequências parecem, à primeira vista, aterradoras: homem e mulher são *deus-faltado*, e a história de cada uma das existências é *a história de um fracasso*. Pessimista ou realista, a filosofia da liberdade ainda convida a pensar, a partir do presente, aquilo que será o futuro; e o faz de um ponto de vista filosófico *adulto*, contrapondo-se a toda a infantilidade de entregar ao transcendente (Deus, Natureza, Ideia, Substância etc.) os rumos do mundo, ou a um *ilustre desconhecido em mim-mesmo* os rumos daquilo que *sou*. Sartre convida à emancipação: não há Leis Dialéticas como não há Mão Invisível, e tanto é miragem o Deus salvador como também o são a alma, algum sujeito transcendental ou Ego em seus determinismos; é infantilidade “encerrar o Eu como um pequeno Deus que me habitasse e possuísse minha liberdade como uma virtude metafísica” (SARTRE, 2011, p. 87).

Não se trata de meramente *desconsiderar* a crítica de Kant, afinal ele *demonstra* que o ser não é um predicado *real*; todavia, cabe lembrar que Husserl, com a noção de intuição categorial, *libertou o Ser do Juízo*; ao menos é o que mostra Heidegger. Em resumo Husserl, quando tratou do *preenchimento de proposições inteiras* em suas *Investigações Lógicas*, concluiu que caberia fazer um adendo ao sistema kantiano: para que esse tipo de proposição possa ser preenchido é preciso que o *é* e todo o categorial seja *dado*, ou *colocado diante de nossos olhos* (donde a necessidade de, ao lado da intuição sensível, haver também alguma sorte de intuição categorial). Heidegger, visando a descrição *desse ser*, que se revela *aí* a partir de cada homem ou mulher, entrevê a reabertura para a indagação ontológica, desde que limitando-se à descrição de fenômenos: *Ser e Tempo*, uma ontologia fenomenológica baseada nas questões *próprias* de determinado modo de Ser, aquele que *nós mesmos somos*.

É desse *ambiente alemão* que Sartre pode afirmar que “a ontologia será a descrição do fenômeno de ser tal como se manifesta, quer dizer, sem intermediário” (SARTRE, 2011, p. 19). A ontologia somente é possível como fenomenologia, o que justifica a descrição *direta* daquilo que *aparece no mundo*; isso supera, de imediato, a postura, descaradamente metafísica, de reduzir o fenômeno (basicamente, tudo aquilo que *nos aparece*) à mera aparência, sem lastro *no Ser* e, portanto, lugar de *especulação*; não para Sartre. Contra Kant cumpre lembrar: “O fenômeno não indica, como se apontasse por trás de seu ombro, um ser verdadeiro que fosse, ele sim, o absoluto. O que o fenômeno é, é absolutamente, pois se revela como *é*” (SARTRE, 2011, p. 16). Assim, via análise de condutas humanas, Sartre revela que homem é Para-si, ser *negativo* que *traz o Em-Si ao mundo*, numa infinidade de istos.

O *a priori da correlação*, visado por Husserl, é para Sartre a singularidade de ser liberdade-situada, incapaz de coincidir consigo: é *liberdade*, que existe em seu *fazer-se* pelo qual também o mundo é feito. Ser-Para-si é *ser nascido*, detalhe que parece esquecido pelo veio transcendental: esse é o ponto de partida para a argumentação contra a metafísica, pois seja fenomenal ou fenomenologicamente, é fato que ninguém jamais adentrou o mundo por *outra via*. Nascidos e livres, homens e mulheres deverão *projetar-se*, e serão a realização desse projeto, afinal, “somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade” (SARTRE, 2011, p. 597). A condição singular, de ser responsável por si mesmo sem *ser seu próprio fundamento* é um fato, cabendo à metafísica especular sobre essa *verdade* fenomênica: sou nascido e sou liberdade; e embora nascido num *mundo pronto*, que na prática *me é apresentado*, serei *também eu* partícipe na constituição e manutenção desse mundo, *meu* lugar.

A tarefa da fenomenologia, descrever estruturas de Ser-no-mundo, encerra-se com a afirmação peremptória da régua pela qual a *verdade fenomenológica* pode ser medida: a própria concretude do mundo, *presente* a cada consciência intencional; e, assim, numa virada espetacular, metafísico passa a ser tudo aquilo que ultrapassa uma *experiência existencial possível*. Além da experiência mundano-concreta, única que efetivamente faz sentido investigar, está a especulação. Em-Si e Para-Si são fenômenos de ser por si evidentes, como também evidente é a *presença ao outro* (Para-Outro); então, compete “à metafísica formar as hipóteses que irão permitir conceber esse processo como o acontecimento absoluto que vem coroar a aventura individual que é a existência do ser” (SARTRE, 2011, p. 757), ou, explicar o *sentido transcendente de Ser*. Pois, de fato, é inútil perguntar sobre se o Em-si nasceu do Para-si, ou como haveria Em-si antes do Para-si, ou por que o Para-si nasceu *desse Em-si* e não de outro etc.; essas sim, questões especulativas, também cabíveis à metafísica, das quais cabe *se libertar*.

Nesse sentido a fenomenologia, ao libertar o Ser do Juízo, não reabilita toda a metafísica; ao contrário, cria uma exceção à regra kantiana: será especulativa toda ontologia não fenomenológica, afinal, se “de fato, toda metafísica presume uma teoria do conhecimento, em troca toda teoria do conhecimento presume uma metafísica” (SARTRE, 2011, p. 21). Esse aspecto da libertação metafísica, básico na estrutura geral da ontologia de Sartre, representa a possibilidade de retomar o discurso mundano a partir do mundo mesmo, donde “em virtude da contingência absoluta do existente, estamos convictos de que toda metafísica deve concluir com um ‘é isto’, ou seja, uma intuição direta desta contingência” (SARTRE, 2011, p. 379).

A ilusão metafísica dos *trás mundos*, denunciada por Sartre em *O Ser e o Nada*, segue-se de outra ainda mais pernicioso: o solipsismo. Ainda analisando condutas, Sartre mostra (pela análise da vergonha, p. ex.) que, diferentemente daquele *Ser-com* de Heidegger, a *certeza* do outro perpassa *meu ser*: sou nascido, logo, sou homem porque *fui entronizado* no mundo *por outrem*. E tudo aquilo que *posso ser* no mundo perpassa, irremediavelmente, o Outro; seja belo ou feio, bom ou mau, herói ou covarde, será sempre *a partir* de outrem que meu ser vai habitar o mundo; ou, “minha solidão ontológica é pura hipótese metafísica, perfeitamente injustificada e gratuita, pois equivale a dizer que, fora de mim, nada existe; transcende, pois, o campo estrito de minha experiência” (SARTRE, 2011, p. 298).

Sou perpassado pelo outro, que *está presente a mim sem intermediário*; ele é transcendência que, sei e sinto, *é para além de mim* como, de meu lado, *sou para além dele*. Ambos temos nosso ser imiscuído, embrenhado de facticidade *vista*, realizada em *minha presença* enquanto exige *minha atuação*: o inferno é o outro, mas bem poderia não ser. É à revelia de toda experiência possível da liberdade-situada que surge a pergunta metafísica tão mesquinha – *há o outro?* Há outrem, e sem má-fé, ninguém precisa de qualquer prova disso; então, não seriam *eles* a prova irrefutável que *sou para além de mim* e, tal qual *todos*, governado por forças que *me* ultrapassam? E não seria isso que mostrou, com maestria, a psicanálise? Não, ao menos não tão rápido: a consciência é intencional e, assim, ela é também *translúcida*.

É para afirmar a liberdade e combater toda teoria determinista (toda *metafísica*) que Sartre se opõe à Freud: “pela distinção entre o ‘Id’ e o ‘Eu’, Freud cindiu em dois a massa psíquica. Sou eu, mas não sou o ‘Id’. Não tenho posição privilegiada com relação a meu psiquismo não consciente” (SARTRE, 2011, p. 96); ora, soa absurdo (de má-fé) que, no *teatro do mundo*, eu seja compelido a dizer que *não escolhi* aquilo que escolhi. Não há *estranho que vive em mim*, isso é metafísica; ainda assim, Sartre não se acanha em elogiar a psicanálise, mas exige sua correção: ela deve ser *existencial*. Isso se explica: é “por ter contemplado o psíquico no passado que os psicólogos acharam que a consciência fosse uma qualidade capaz ou não de afetá-lo, sem modificá-lo em seu ser. O psíquico passado primeiramente é, e é Para-si depois” (SARTRE, 2011, p. 173).

Ser-liberdade não se resume a descobrir, fenomenologicamente, uma modalidade de ser que *não pode coincidir consigo*: a análise de vividos concretos mostra que somos *liberdade engajada*, e não liberdade que *paira* sobre o mundo; não há sobrevoos porque nunca houve liberdade *descomprometida*: o homem “é, enquanto aparece em uma condição não escolhida por ele, na medida em que Pedro é burguês francês de 1942, que Schmitt era operário berlinense de 1870; é, enquanto lançado em um mundo, abandonado em uma situação” (SARTRE, 2011, p. 128). A ontologia revela, enfim, porque fazemos a história sem conhecê-la: a espessura do mundo nos ultrapassa em nossa *vontade* de ser-Deus (Ser-Em-Si-Para-Si). Não é por acaso que toda metafísica *especula* sobre o Ser, enquanto a fenomenologia permite descrevê-lo a partir de seu âmago, do ser-mesmo-que-*eu-sou*; e, como também *me cabe* a palavra final sobre minha aventura individual, serei eu mesmo *coautor da História*, ainda que me sejam cabidas somente algumas linhas, concomitantemente reescritas em outras infinitas formulações.

Assim o outro está presente a mim, sem intermediário, enquanto eu, para chegar a *ele*, preciso atravessar toda a *espessura* muito efetiva (real) do mundo; e o que se encontra é, de novo, liberdade. As muralhas da metafísica cercam, também e de modo inapelável, a liberdade quando se trata da História: ela não somente teria seu encaminhamento *próprio* (seja via Mão Invisível ou Lei Dialética, como também seria a realização do Reino de Deus ou outra Utopia), como escolheria *ela mesma* seu fim, escrito nalgum céu inteligível que somente alguns *filósofos* (ou historiadores) poderiam conhecer. Não para Sartre: a liberdade é *para todos e todas*, ela se confunde com ser-homem e mulher; não há *teleologia* de Ser, senão aquelas inventadas pela liberdade.

Nem para a morte, nem para a vida, homens e mulheres se definem a partir do mundo em que brotam; é verdade que é observável uma *tendência* a manter aquilo que se *aprendeu*, mas ainda mais notório fenomenalmente é que toda e qualquer mudança *exigiu* a *ação* de homens e mulheres. Não há mundo Em-Si, nem História *neutra*: a multiplicidade de culturas, de *visões de mundo* dentro de um mesmo grupo, a diversidade de modos de ser-homem-e-mulher no mundo o mostram a contento. Sem caráter, nem Eu, nem Ego, nem inconsciente ou subconsciente, somos *liberdade de dentro*; nem por isso encontramos-nos no mundo como livres, mas “o Para-si aparece como uma diminuta nadificação que se origina no cerne do Ser; e basta esta nadificação para que ocorra ao Em-si uma desordem total. Essa desordem é o mundo” (SARTRE, 2011, p. 753).

Não há mundo senão para o homem, repete o bordão fenomenológico; é porque não há Deus, ou Natureza (a toda prova naturalizada) ou qualquer instância *além* da escolha (milhares delas, todas *situadas*), que a História é *história humana*. Sem a liberdade, mais adequado pensar a história como a fantasia da redenção *das almas* por um salvador, ou como a história do autorreconhecimento do Espírito Absoluto, ou o resultado de autorregulações próprias do *Mercado*, ou, mesmo, a realização de alguma *igualdade futura* (Comunismo, Reino dos Céus); mas de onde vieram esses modelos senão da inventividade e, portanto, de *nossa liberdade situada*? Equivalentes, essas teses visam totalizar a história indicando seu fim ou finalidade; são *metafísica pura*, no sentido de especulação, pois negam o que é fenomenologicamente evidente: os homens e mulheres, por sua história, fazem a História! Cabe, assim, evitar a todo custo a má-fé social, demasiado humana, de negar a responsabilidade por seu mundo, pelas *escolhas* que o trouxeram até aqui, e, também, pela *escolha* dos rumos daquilo que será o *futuro* (Ética do Porvir), seu e de *todo mundo*.

Somos nascidos, e nascemos situados. A passagem do plano ôntico ao ontológico é permitida e esperada, vale dizer; assim, o Ser-Para-si permanece liberdade, afinal jamais vai realizar-se, pois *não serão jamais* Em-Si-Para-Si. Homens e mulheres *são seu projeto*, eleito e mantido livremente, donde pensar a liberdade sem situação pode gerar aberrações, como a noção de alma

e seus similares; a contrapartida, também advinda dessa *fé* metafísica, dá notícias de um *mundo sem homens*, algo tão absurdo que o próprio Kant tratou de mostrar sua contradição (*a árvore que desaba inacessível no meio da floresta, faz barulho?*). Livres da crença na realização necessária da Totalidade (impossível Ser-Em-Si-Para-Si), pode-se chamar de metafísico, sem medo, todas as iniciativas que ousam tirar da escolha humana o princípio de seu mundo ou de seu ser.

A filosofia da liberdade é radical: história não é determinante, nem poderia sê-lo porque é, ela mesma, *história da libertação humana*; e não importa o objeto de seus grilhões, se as adversidades aparecem no mundo é porque *são humanas*, cabendo sempre à liberdade indicar o caminho de sua superação, se houver; caso não haja, cumpre inventar. Nenhum Deus ou Demônio poderá indicar atalhos, e não os indicou: cada pedra que foi movida na face da Terra teve seu propósito, e ele nasceu de uma livre escolha, de alguma projeção *de ser-homem*, que foi futura, fez-se presente e agora é passado; e isso em razão daquilo que *somos e escolhemos*. “É o Para-si que flui, que se convoca do fundo do porvir, que carrega o passado que era; é ele que história sua ipseidade, e sabemos que é, no modo primário ou irrefletido, consciência do mundo e não de si” (SARTRE, 2011, p. 218). A filosofia da liberdade cumpre, assim, sua primeira tarefa, a libertação metafísica de homens e mulheres; trata-se, então, de fazer saber que homens e mulheres, mesmo sob *a mais terríveis das opressões, são liberdade para se libertar*.

A filosofia de Sartre é filosofia da liberdade, e *O Ser e o Nada* é sua obra magna, que permanece irretocável em suas teses; pois a libertação metafísica não exige somente convencer (esclarecer) ao vulgo que ele é liberdade: o problema todo aparece quando se trata de confrontar as teses histórico-científicas, sociológicas ou psíquicas, que estão fundadas em hipóteses deterministas. É contra essas hipóteses, fazendo uso do método fenomenológico (verdade fenomenológica), que a filosofia da liberdade visa *libertar o homem e a mulher*. Pois Liberdade não é substância, como não é uma ideia, nem mesmo uma hipótese: para Sartre, ela coincide com o âmago de ser-homem-e-mulher-no-mundo, permeando tudo aquilo que concerne ao interesse mundano concreto e, quiçá, abstrato.

Não se faz ciência sem liberdade, assim como a metafísica e, mesmo a ontologia, tem uma única e mesma fonte: a liberdade. É daí que todo saber, seja fundado em *documentos históricos* ou na memória preservada, será sempre *corroído* pela liberdade; e não importa para qual período histórico a consciência se volte, ali também o que ela vê é liberdade. Mesmo que o homem se volte para si mesmo, não há qualquer interioridade, e ele será novamente lançado ao mundo: é liberdade, e terá a experiência indelével de que *é* porque *escolhe* seu ser-no-mundo; e, caso volte-se para outrem, de novo será *liberdade* que vai encontrar (o conflito original, inerente ao Para-Outro, o demonstra). Liberdade é condenação, pois exige criar e criar-se indefinidamente; “o homem é livre. [...] Estou condenado a existir para sempre Para-além de minha essência, Para-além dos móveis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre” (SARTRE, 2011, p. 543).

Libertar-se da metafísica exige admitir *liberdade*, fundamento tanto da necessidade como da possibilidade da *libertação metafísica*, primeira e instauradora tarefa da filosofia de Sartre, cumprida em *O Ser e o Nada*. Por fim, a atualidade da filosofia da liberdade liga-se ainda à tese da liberdade absoluta situada: nosso mundo é *prova* de que o filósofo tem razão, e que sem admitir a liberdade, será preciso, sempre, uma boa dose de má-fé metafísica para *explicar* a história, seja de *uma vida*, seja a História Geral. O mundo em sua totalidade, cada Deus ou Demônio, em seus *paraísos* de sorrisos ou *infernos* incandescentes, cada movimento da História, memorável por sua glória ou fracasso, cada inovação tecnológica e suas consequências – tudo nasceu da liberdade, e foi visando realizar algum aspecto dessa mesma liberdade que *a história humana* nos trouxe até aqui. E desde 1943, há 80 anos, esse saber está a nosso dispor. Viva *L'Être et le Néant*.

## Referências

- CONTAT, M.; RYBALKA, M. *Les Écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970.
- HEIDEGGER, M. *Meu caminho para a fenomenologia*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Victor Civita, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*. Sexta investigação. Tradução de Zeljko Loparic e Andréa M. A. de C. Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
- NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- SARTRE, J-P. *Carta de Jean-Paul Sartre recusando o Prêmio Nobel de Literatura*. 1964. Disponível em: <https://homoliteratus.com/carta-de-jean-paul-sartre-recusando-o-premio-nobel-de-literatura/>. Acesso em: 14.jun.2023.
- SARTRE, J-P. *Crítica da Razão Dialética*. Tradução de Guilherme J. de F. Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SARTRE, J-P. *Critique de la raison dialectique*. Paris: Gallimard, 1960.
- SARTRE, J-P. *L'Être et le Néant*. Essai d'ontologie phénoménologique. Paris: Gallimard, 1943.
- SARTRE, J-P. *L'Idiot de la famille*, 1. Paris: Gallimard, 1971.
- SARTRE, J-P. *O Existencialismo é um Humanismo*. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SARTRE, J-P. *O Ser e o Nada*. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. 20. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SARTRE, J-P. Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. *Veredas FAVIP*, Caruaru, v. 2, n. 1, p. 102–107, jan./jun. 2005.

---

### Sobre o autor

#### Luciano Donizetti da Silva

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (1999), mestrado em História da Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal do Paraná (2002) e doutorado em História da Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (2006). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Lyon 3 - Jean Moulin (2016). É professor de Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), no Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Filosofia. Também faz parte do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da mesma instituição. Atualmente realiza estágio pós-doutoral na Universidade Federal de São Carlos (PPGFIL-UFSCAR, 2023).

Recebido: 10/08/2023  
Aprovado: 25/08/2023

Received: 10/08/2023  
Approved: 25/08/2023